

António M. Machado Pires

# ROUXINOL E MOCHO

SEGUIDO DE

# ENSAIOS – RAUL BRANDÃO E VITORINO NEMÉSIO



temas portugueses

*Título:* Rouxinol e Mocho seguido de Ensaios  
Raul Brandão e Vitorino Nemésio

*Autor:* António M. Machado Pires

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* UED/INCM

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Capa:* Vitorino Nemésio pintado  
por Abel Manta, 1966,  
óleo sobre tela, 85 cm × 102 cm,  
Museu de Angra do Heroísmo,  
MAHR 19931028

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Dezembro de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1704-5

*Depósito legal:* 288 188/09

Cheguei a pensar em escrever eu mesmo a minha fábula, que seria *O Rouxinol e O Mocho* [...], pois já nos bons tempos de Coimbra eu era, entre os sábios aquiescentes, um poeta extraviado, e entre os poetas maliciosos, um sábio enganado no número da porta.

VITORINO NEMÉSIO, «Última Lição», 1971.

## PREFÁCIO

*A 20 de Fevereiro de 2008 passaram trinta anos sobre a morte de Vitorino Nemésio. Pode dizer-se que decorreu um intervalo geracional. Pode também dizer-se que a sua obra foi objecto de estudos críticos, de antologias, de teses académicas, de reedições várias, de comemorações envolvendo congressos e colóquios em Portugal, nomeadamente nos Açores (Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1998), em Lisboa (Faculdade de Letras, 2001), e no Brasil (Universidade Federal da Bahia, 2000). São sinais de que a obra e a personalidade de Nemésio conquistaram a visibilidade que merecem e que já podemos à vontade dizer que se trata de um dos maiores escritores (e poetas!) do século XX português. Mesmo pensando-se como autor do seu tão estimado «romance das ilhas», como chamou a Mau Tempo no Canal, Nemésio considerava-se (acima de tudo?) poeta, decerto num sentido lato, mas também no sentido tradicional e do senso comum de «fazedor de versos». Começou com o Canto Matinal aos 16 anos e muitos foram os volumes de poesia (que assinalam todas as décadas da sua vida de forma caracterizadora). Mau Tempo no Canal vale pela ficção, pelo «retrato» da terra e pela convivência com as personagens: o telúrico, o social, o psicológico, o biográfico (pois que, pese embora a muitas teorias, a biografia conta muito!). Pude eu próprio ouvir da boca de Nemésio referências a pormenores «descritivos» e indirectamente biográficos do romance, que lhe evoca a Horta do seu tempo de liceu e uma Praia da Vitória que se lhe escondia por detrás... O livro funcionou como sublimação das «saudades da terra» (o livro de Gaspar Frutuoso com este título também lá vem citado...).*

*As primeiras reflexões que ousámos escrever sobre a obra do Mestre intitulavam-se «Marcas da insularidade em Mau Tempo no*

Canal» (1979), no primeiro número da então fundada revista *Arquipélago*, da Universidade dos Açores. Voltaríamos vinte anos depois a escrever uma introdução para este romance, destinada a uma edição especial da *Invicta Livro*, Porto (2003).

Ao preparar este volume, Rouxinol e Mocho, como reedição revista de Vitorino Nemésio. *Rouxinol e Mocho* (edição da Câmara Municipal da Praia da Vitória aquando dos vinte anos da morte de Nemésio, em 1998), acrescentámos outros textos mais recentes, entendendo então que os devíamos pôr a todos por ordem cronológica, para se tornar mais visível a marcha e a evolução das nossas ideias sobre a obra de Nemésio. Damos sempre a indicação da origem ou da primeira publicação. Outros escritos produzimos sobre Nemésio, nomeadamente introduções a volumes das *Obras Completas da Imprensa Nacional-Casa da Moeda*, como é o caso em especial de *Corsário das Ilhas*. Este livro diz-nos muito sobre Nemésio, como tentámos provar. Não esquecer, por exemplo, que Nemésio o integra numa série a que passou a chamar «*Jornal de Vitorino Nemésio*». Mais recentemente publicámos um artigo, «*Vitorino Nemésio, o homem e a ilha*», recolhido na revista *Portuguese Literary & Cultural Studies*, 11, do Center for Portuguese Studies and Culture, Universidade de Massachusetts, Dartmouth, número dedicado a «*Vitorino Nemésio and the Azores*» (2007).

Rouxinol e Mocho recolhe textos do volume anterior e acrescenta outros. Retocámos também o artigo «*Poesia e cosmogonia*», por termos voltado ao assunto em artigo da revista *Ciência @ Tecnologia* (Região Autónoma dos Açores, n.º 1, Maio de 2002), intitulado «*Nemésio, Homem de Letras no Limiar das Ciências*», em aulas sobre Nemésio (Mestrado, Estudos Nemesianos) e numa palestra na Casa dos Açores do Norte (Porto). De resto, assistimos ao «nacer» de alguns poemas de *Limite da Idade*, ao longo do ano de 1971. Nemésio estava alguns amigos... e o assistente, que às vezes entendia, às vezes «chumbava»! Mas a verdade é que Nemésio andava mesmo a fazer leituras científicas, nomeadamente no campo da medicina, a que era impelido pela sua condição de saúde (daí o poema «*Que minha Musa é Escherichia Coli*»), e no campo da física nuclear, que o deslumbrava.

A oportunidade de reedição de ensaios contidos em anterior volume, Raul Brandão e Vitorino Nemésio, também publicado pela *Imprensa Nacional-Casa da Moeda* (1988) levou a incluí-lo no pre-

sente volume, expurgado porém de um artigo que houvera sido já publicado na 1.<sup>a</sup> edição de Rouxinol e Mocho, conforme se assinala em nota de página. O confronto de Brandão de As Ilhas Desconhecidas e de Nemésio no Corsário das Ilhas parece-nos importante.

O citado livrinho também inclui um ensaio sobre a questão da existência da literatura açoriana, já de 1984.

Algumas retomadas de assuntos ou referências repetidas devem-se às diferentes situações em que certos textos foram lidos e a exigências de contextualização para cada caso. Pesaram decerto também certas preferências nossas por determinados textos.

O nosso artigo «Poesia e cosmogonia» está essencialmente centrado num espantoso poema que é «Matéria Orgânica a Distância Astronômica», um dos que Nemésio escolheu para declamar no disco de 45 rpm que acompanhou alguns exemplares da edição de Limite de Idade (1972) e no qual também se encontra gravada uma entrevista curta que lhe é feita por Natália Correia. Também incluímos a nossa intervenção nas comemorações da Faculdade de Letras de Lisboa aquando do centenário do nascimento (2001), com o título «Nemésio e a História da Cultura». É o testemunho de antigo assistente na cadeira de História da Cultura Portuguesa, durante cinco anos e em aulas teóricas. Nemésio não escreveu um único sumário, nem sempre seguia um programa (que não escrevia); os alunos não sabiam que estudar para os exames (principalmente para o exame oral!). Mas desse aparente caos pedagógico (e desprezo pelas didácticas...) podiam nascer aulas e relações geniais, falando de homens, circunstâncias, épocas, poemas, romances, ensaios e acontecendo-lhe certo dia deixar no ar esta «definição» de «cultura»: «a perspectiva convergente e unitária dos vários ramos do saber». O segredo está na semântica combinada de «convergente» e «unitária» ao mesmo tempo!

E a seguir talvez tivesse ido tentar um poema de Limite de Idade...

Autor de poemas e definidor de cultura. Rouxinol e Mocho. Toda a vida.

31 de Julho de 2008.

ROUXINOL E MOCHO

MARCAS DA INSULARIDADE  
EM MAU TEMPO NO CANAL,  
DE VITORINO NEMÉSIO <sup>1</sup>

Se o título *Mau Tempo no Canal* parece sugestivo pelas associações semânticas desencadeadas pela ideia de «canal» e de «mau tempo», a profunda insularidade açoriana do romance esconde-se muito para além dessas referências climáticas e marítimas.

*Mau Tempo no Canal* é um romance de conteúdo fundamentalmente psicológico, social, histórico — e humano universal. É um romance feito de tempo histórico, de tempo interior, de passado (pessoal e colectivo) e de futuro, de incerteza e disponibilidade. Tempo sem pressas, dias sem horas, pontuados apenas pela luz do Canal e pelas divagações do narrador. História assumida em cada personagem, como se cada um fosse ali o documento da sociedade iniciada há quatro séculos e a prova provada do isolamento.

História, por um lado, Destino — a *Moirá* grega — por outro, a deixar-nos a tensão e a disponibilidade que pulsa no fundo da alma açoriana e a leva à diáspora por todo o mundo. É a *Moirá* — ou destino dos Gregos, dramaticamente ilhéus também... — que leva Margarida atrás de uma baleia, numa

---

<sup>1</sup> Separata de *Arquipélago*, revista do Instituto Universitário dos Açores [actual Universidade dos Açores], série «Ciências Humanas», 1, Janeiro de 1979.

frágil canoa, até à costa de São Jorge, a casa dos futuros sogros. Um «incidente», o tempo do canal que se «fecha» (coisa tão comum para o ilhéu!) e um destino que se resolve: «a resposta estava talvez dada para sempre, riscada no mar pela proa de uma canoa do Pico e pela escolha cega de uma baleia trançada»<sup>2</sup>. Ou, enfim, o dobrar de Margarida «à vontade alheia e às garras de um destino sem piedade?»<sup>3</sup>

Romance que escolhe a Horta, frente ao Pico, «a cidade [que] era um camarote de frente para aquêlo palco de todo o ano»<sup>4</sup> onde se desenvolvem, dia a dia, os espectáculos aéreos das nuvens de nácar em forma bizarra, ora em anel, em montão, em «eterno capote e capelo», ora em neblina total, que entorpece os membros e perturba molemente os sentidos.

Romance do clima na vida do homem, do homem na sociedade insular histórica, do indivíduo no drama do *struggle for life*. Obra que eleva os elementos da vida insular açoriana ao plano da universalidade do indivíduo e do Destino.

Os estratos psicológico, social e histórico do romance estão profundamente impregnados da condição de insularidade. Tudo acontece e se descreve num enquadramento determinado e determinante.

Importa procurar na matéria semiótica, na própria «carne e osso», «alma e corpo» que são o *conteúdo* e a *expressão*, essas marcas de insularidade. Esta está presente sub-repticiamente em toda a obra, condicionando conflitos, tensões e desfecho, constelando panos de fundo e vinculando passados históricos.

Um dos primeiros traços da insularidade está na sensibilidade ao clima, tornada uma segunda natureza, um hábito do narrador que dá conta de coisas que só acontecem ali e impressionam assim porque se nasceu e se experimentou viver ali. O clima, o céu, as nuvens, o tom do azul ou do cinzento do mar não são elementos pitorescos ou regionalistas, mas são o resultado de uma experiência sentida na carne, calcada dia a dia e depois assumida ou recriada em linguagem. Em frente

---

<sup>2</sup> *Mau Tempo no Canal*, Lisboa, Bertrand, s. d., cap. xxxi, p. 367.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 427.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 29.

da pequena cidade da Horta está a grandeza maciça e vulcânica do Pico — «a cidade era um camarote de frente para aquêlê palco de todo o ano». E o grande cone vulcânico impõe-se a todo o momento, «debaixo daquele eterno capote-e-capelo de nuvens» <sup>5</sup>, às vezes «com o o cabeço roxo, cortado de uma nuvem cinzenta» <sup>6</sup>, outras vezes « como «o céu de algodão sujo» que cobre todo o arquipélago <sup>7</sup>. Essas nuvens e esse céu têm, por vezes, mais força do que a história que se conta, cujo fio se suspende para atender ao ambiente. As preocupações do narrador com o conflito entre os Garcias e os Dulmos ou com a informação histórica sobre a sociedade faialense dissipam-se para se iniciar um capítulo liricamente, apenas atento à expressão de súbito tornada poética, extática, mas logo tensa, retomado o fio da expectativa:

Ao entardecer os campos enchiam-se de neblina, o Pico ficava baço e monumental nas águas. Dos lados da estrada da Caldeira sentiu-se uma tropeada, depois pó e um cavaleiro no encalço de uma senhora a galope:

— *Slowly! Let go him alone...* <sup>8</sup>

Fez-se assim um início de sequência fílmica, verdadeira transposição verbal para a imagem, sem adiposidades verbais nem tempo perdido na descrição «regionalista»; tudo está dito em dois pares de linhas: os campos ao entardecer cobertos com neblina, o Pico baço, monumental, ao fundo do Canal — e logo, sugerido o quadro, dos lados da estrada da Caldeira *sentiu-se uma tropeada* (sem esquecer o significante: tro-pe-ada), depois o pó, e eis um cavaleiro no encalço de uma senhora a galope... Imagem, som, movimento, até velocidade. De que mais precisaria um realizador?

Mas a nota do nevoeiro, da neblina ou pelo menos do céu eternamente pontuado de nuvens não abandona o texto. São

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 434.

<sup>8</sup> *Ibidem*, cap. IX, «Encontros», p. 116.

de novo «os nevoeiros de abril que cobriam a Ribeira dos Flamengos como uma terra encantada»<sup>9</sup>, ou um «nevoeiro perpétuo, que raro deixava ver o casco de alguma embarcação no Canal»<sup>10</sup>, ou mesmo um nevoeiro cerrado, que no entanto se pode separar «em pequenas massas soltas, progressivamente altas e móveis sobre a pedra queimada e o mar redondo»<sup>11</sup>. E de novo é o poeta das tonalidades do Canal que nos fala da noite, do mar e do céu açorianos, sem desvanecimentos postiços de literato regionalista por encomenda, mas com uma nota de impressionismo (do autêntico, não do da falta de rigor!) e de realismo vivencial de sentidos bem despertos:

À noite, uma lua viva, irreal, branqueava a torre da igreja da Candelaria de uma espécie de véu de freira, movimentado pelas nuvenzinhas eternas do céu ferrête das ilhas, como se a torre comesçasse a andar entre as vinhas de braços torturados.<sup>12</sup>

Mas o vento, o mar, as nuvens, estão presentes mesmo quando se realiza a tensa viagem de Margarida na canoa:

... As nuvens açorianas, a princípio paradas e aos pares, (Nuvens paradas, côr de cobre, É temporal que se descobre) deslaçavam-se agora finas e leves, como se o Pico fôsse um açafate de penas sopradas.<sup>13</sup>

O clima é um elemento que participa, que está presente à flor da pele, que condiciona animicamente, às vezes a *única realidade*, que penetra no íntimo do João Garcia, desvendado pelo narrador onisciente:

E os arrufos de Laura pareceram-lhe [a João Garcia] o episódio mesquinho de um jogo de gato e rato;

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 263.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 301.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 303.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 303.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 338.

uma cabra-cega em que a única realidade agarrada era aquela ilha vendada de nuvens e de gaivotas.

— Tempo triste, com um resto de mormaço nas pedras e fastio de morte nas almas.<sup>14</sup>

Uma sensação generalizada? Nem sempre... Mas uma componente da existência, pontuando os dias e os sentimentos, uma sensação «sedativa e pungente»<sup>15</sup>. E, quando procurado o traço característico, a constante do clima no comportamento, na imagem do dia-a-dia, o autor teoriza sobre o *azorean torpor*.

Um céu de algodão sujo tolda o arquipélago das nove ilhas; o mormaço apaga os contornos do mar e da terra, e, amolecendo os pastos à custa da pele do proprietário e do pastor, dilui e arrasta as vontades, dá a homens e a coisas uma doença quase de alma, a que os ingleses, médicos do bem-estar, puseram uma etiqueta como quem descobre uma planta nova neste mundo seco e velho: — *azorean torpor*.<sup>16</sup>

A insularidade, porém, não se define só por esse *azorean torpor* que dá às coisas e às mentes o marasmo salgado e a rotineira habituação ao isolamento. Não são só as nuvens, de nácar, roxas ou lilases, que enquadram a paisagem; é o mar, a obsessiva presença no horizonte do quintal de cada casa<sup>17</sup>, adivinhado «pela ressonância remota e permanente»<sup>18</sup>, sentido pelo cheiro a ressalga que penetra pelas varandas abertas<sup>19</sup> (também o casaco de Margarida na noite infausta do castigo

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 253.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 299.

<sup>16</sup> *Ibidem*, cap. xxxvii, «Epílogo», p. 434.

<sup>17</sup> «[...] aquele mar verde e belo que parecia o quintal da sua casa [de Margarida]», cap. xxix, «Barcarola», p. 339.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 228 («ressonância remota e permanente que era como a alma da casa...»).

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 142.

## ÍNDICE

<i>Prefácio</i> .....	9
-----------------------	---

### ROUXINOL E MOCHO

Marcas da insularidade em <i>Mau Tempo no Canal</i> , de Vitorino Nemésio [1979].....	15
Nemésio e os Açores [1979] .....	27
Língua e criação literária em Vitorino Nemésio [1987] .....	43
Da universalidade de Vitorino Nemésio [1988].....	55
O mito de Monsieur Queimado. Uma imagem mítica dos Açores [1988].....	63
Nemésio no 10 de Junho nos Açores [1989] .....	73
Poesia e cosmogonia [1993] .....	77
Vitorino Nemésio, <i>Rouxinol e Mocho</i> [1993] .....	85
Herculano: «Quase que o vi viver.» Reflexões sobre o biografismo nemesiano [1998].....	97
Fontes experienciais e literárias de <i>Corsário das Ilhas</i> [2001] ....	111
Nemésio e a história da cultura [2001] .....	127
<i>Mau Tempo no Canal</i> . «Um romance das ilhas» [2003].....	137

### ENSAIOS — RAUL BRANDÃO E VITORINO NEMÉSIO

<i>Nota introdutória</i> .....	163
Raul Brandão e Vitorino Nemésio .....	165
Vitorino Nemésio — sem «limite de idade» ... ..	193
Para um conceito de literatura açoriana .....	197